

**Pontos de convergência entre leitura e escrita**

---

**letrônica**

---

Maria de Lourdes Spohr<sup>1</sup>

Uma situação bastante comum em qualquer livraria: Diante de uma estante de livros, com exemplares multicoloridos, uns com letreiros maiores e outros menores, alguém apanha um livro, observa atentamente a sua capa, depois a contracapa. Então, folheia-o, demora-se apenas alguns instantes numa e noutra página. Pergunta qualquer coisa ao atendente e, enquanto ouve a resposta, dá uma olhada mais demorada na direção de outros livros. Se não está totalmente absorto, ao menos dá mostras de estar em atitude de reflexão. Logo decide. Paga o livro e vai embora.

O que teria se passado naqueles momentos de manuseio do livro, de olhar distante e de hesitação, na mente dessa pessoa? Estaria ela pensando no preço do livro? No dinheiro de que dispunha para gastar? Talvez. Mas o mais provável é que, ao abstrair-se em pensamentos, ela estivesse a planejar a leitura efetiva, analítica, da obra. Ela certamente pré-avaliava o possível conteúdo da obra, inferia, predizia informações a partir do título, da ilustração da capa e da contracapa, da identificação do autor e do sumário. Na verdade, ela estava em pleno processo de leitura, de uma leitura “inspeccional” e avaliativa, através da qual colhia as impressões de que necessitava para verificar a existência de uma possível correspondência entre o sugerido pela obra e o desejado pela leitora.

Se esse manuseio do material e esse olhar superficial na obra também é leitura, então *o que é ler?* Inicialmente, podemos afirmar que se trata de uma atividade-processo muito mais complexa que a simples interpretação de códigos. Exige do leitor capacidade para interpretar,

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicolinguística.

relacionar, comparar e recorrer à sua bagagem de conhecimentos prévios, sempre que necessário. Além disso, requer que o leitor mantenha um comportamento ativo e cooperativo durante a leitura, para que dela possam decorrer a construção adequada do sentido e, por conseguinte, o processamento e a armazenagem de novos conhecimentos. Aqui importa lembrar que as atitudes assumidas pelo leitor, durante o processo da leitura, decorrem não só do tipo de suporte do texto, mas também do objetivo com que é realizada a leitura. Lê-se, por exemplo, para obter informações, para alcançar uma boa nota ou ainda por fruição estética. Num segundo momento, a leitura pode se constituir em um caminho proveitoso para se alcançar uma escritura melhor, já que, sob o ponto de vista conexionista, leitura e escritura são, simultaneamente, atividades e processos, produtos interdependentes do cérebro humano.

Para uma abordagem mais detalhada dos aspectos cognitivos que estabelecem os pontos de convergência entre *leitura e escritura*, é necessário esclarecer as especificidades das principais operações mentais envolvidas nos respectivos processos que ocorrem durante a realização das atividades de leitura/escritura, bem como verificar as condições exigidas do leitor/escritor para que ele possa concretizá-las adequadamente. Para isso valemo-nos de apontamentos de aula da Disciplina de Psicolinguística Avançada, do curso de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PUCRS), ministrada pelo Prof. Dr. Marcelino J. Poersch (2006/2) e da bibliografia constante no programa dessa disciplina.

Para ser um bom escritor é necessário ser um bom leitor. É necessário saber identificar e reconhecer peculiaridades de *caminhos* já percorridos, para depois construir e *trilhar* os seus próprios percursos com mais segurança, quando da produção de seus próprios textos. Um bom escritor precisa ser hábil no manejo dos elementos lingüísticos e textuais e saber avaliar adequadamente os elementos extra-lingüísticos, para poder traduzir ordenada e eficazmente os seus pensamentos, intenções e visão de mundo em relação ao assunto tratado. Além disso, ele precisa saber projetar seu texto de acordo com o tema abordado, dar ênfase às informações mais relevantes e ainda contar com a sensibilidade intuitiva e a capacidade cognitiva do seu leitor para alcançar os resultados comunicacionais esperados. A produção de textos é, portanto, um exercício que demanda pensamento lógico, reflexão, organização mental ajustada e conhecimento de princípios convencionalmente estabelecidos.

Assim, partimos da idéia elementar de que leitura não se resume ao entendimento de palavra após palavra – da decodificação linear e seqüencial de palavras – portadoras de significados convencionalmente estabelecidos. Na verdade, elas são o *input* externo, o estímulo visual para que ocorra o desencadeamento de processos e/ou operações mentais complexas, através das quais o leitor realiza a (re)construção do significado do texto. Essa

**Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.1, p. 70, julho 2009.

(re)construção do significado não é feita a partir do texto, como num processo de extração de coisas, mas é realizada a partir do leitor, é ele quem atribui um significado ao texto. Ao leitor, a compreensão na leitura pode parecer, num primeiro momento, um processo “ilusoriamente consciente”. Ele imagina perceber um determinado significado no texto, quando, na realidade, está realizando outra coisa: está relacionando os elementos presentes no texto com outros, externos e internos, num processo de interação, atribuindo-lhes significados. Nessa atividade estão implicados aspectos semânticos, lexicais, morfossintáticos, pragmáticos, entre outros. Todos estão diretamente relacionados com os contextos interno e externo do texto. Ler, portanto, *é ir além das linhas da superfície do texto*, ou seja, ler não se restringe à decodificação mecânica de símbolos.

A linearidade é uma característica própria da fase mais primária da leitura. É quando o indivíduo está em processo de iniciação e/ou aquisição da competência leitora, pois, por ser um processo mental muito complexo, ele necessitará de uma maturidade maior e condições cognitivas suficientemente desenvolvidas para relacionar fatos e realizar uma leitura mais proficiente. Na fase seguinte, o indivíduo já começará a “ousar mais”, a recorrer a outros mecanismos e/ou recursos mais complexos, então já disponíveis, para alcançar o desvelamento do significado. Consciente (ou não) dessa condição, empenha-se mais na leitura, entra no jogo de cooperação que se estabelece entre escritor-leitor. A obtenção de um maior ou menor sucesso dependerá sempre do desenvolvimento de suas habilidades em leitura, de suas condições cognitivas, de sua “perspicácia”, de sua sensibilidade como leitor. A competência leitora está, portanto, intrinsecamente relacionada com a capacidade de percepção, de identificação e do conseqüente processamento dos dados oferecidos pelo texto, quando são conjugados com aqueles já adquiridos através da sua “experiência leitora” e com os das suas vivências de mundo. Desse processamento resultará a confirmação (ou não) das hipóteses formuladas ao longo da leitura e das expectativas do leitor em relação ao sentido construído a partir do texto.

Uma leitura plena desencadeia processos cognitivos, que conduzem o leitor ao diálogo interior, à crítica, envolvendo necessariamente o pensar, a reflexão. Desse ponto de vista, para que ocorra o processamento pleno da leitura, são exigidos do leitor, além do domínio dos aspectos convencionais, arbitrários e contextualizadores, também uma bagagem de conhecimentos prévios em relação ao assunto tratado no texto. As qualidades de suas habilidades como leitor são determinantes do êxito dos resultados alcançados, pois elas lhe permitirão

predizer, formular e testar hipóteses e, conseqüentemente, realizar inferências produtivas para continuar na progressão da construção do sentido do texto.

Se a leitura é um processo altamente complexo, no qual estão implicadas capacidades cognitivas nobres e necessárias para estabelecer adequadamente conexões entre informações *dadas* e informações *novas* apreendidas do texto, certamente o grau de complexidade que permeia o processo da escritura também não será menor. As habilidades e capacidades cognitivas exigidas do escritor são bastante semelhantes às necessárias a um leitor proficiente. A ele cabe a responsabilidade de compor ordenada e coerentemente o texto, de oferecer as pistas necessárias para sinalizar e restringir os caminhos a serem percorridos pelo leitor durante a leitura.

Segundo Goodman (1994), a leitura não é vista como um processo isolado, mas “a leitura é estudada dentro de um contexto maior em que o leitor transaciona com o autor através do texto, num contexto específico com intenções específicas”. Depreende-se dessa afirmação que esse processo de transação causa mudanças em todos os elementos envolvidos: muda o autor na medida em que vai escrevendo, muda o leitor na medida em que lê, altera também o texto durante a sua escrita e durante sua leitura. O que confirma o princípio da Psicolinguística: a construção do texto é uma atividade cooperativa, ou seja, ele não é só construído pelo autor ao produzi-lo, mas também pelo leitor ao lê-lo. A esse respeito Clark e Haviland (1977) afirmam: “A leitura e escritura são cooperativas, pois devem seguir certas convenções entre o leitor e o escritor de modo que o pensamento (eixo comum aos dois participantes do processo comunicativo) possa convergir para a informação a ser transmitida e apreendida com significados o mais semelhantes possíveis”.

Ao abordar processo da leitura, há quem fale em *caminhos do escritor a serem percorridos pelo leitor no momento da leitura*. Isso nada mais é do que desvendar, reconhecer e entender as atividades e operações cognitivas realizadas por ocasião da produção do texto escrito, bem como a intenção, o propósito e o modo como o autor explora os recursos lingüísticos e as pistas que ele deixa no texto. Afinal, o que é então a escritura de um texto? Assim como a leitura, a escritura também é processo e atividade simultaneamente. Ela possui elementos externos que motivam a ação de escrever e elementos internos, processuais (processos cognitivos), que lhe permitem levar à concretização de seu intento. Embora escrever não seja da mesma natureza de ler, por constituírem-se em duas atividades distintas em seus aspectos externos (texto oral e escrito), são processos semelhantes em seus aspectos internos, nos processos cognitivos

envolvidos. São atividades distintas pelo seu ponto de partida, mas interdependentes pelos seus meios de realização.

Aqui é importante distinguir o que se entende por atividade e por processo para o entendimento apropriado da escrita e da leitura. A compreensão simplesmente acontece, por isso ela não é uma atividade, mas sim um processo que ocorre independentemente da atuação direta de um agente. Assim, nos aspectos em que elas têm agentes claros, são consideradas atividades, no entanto, por trás dessas atividades ocorrem os processos, ou seja, aquilo que acontece para que possa haver a compreensão leitora. Os pontos de convergência entre leitura e escritura estão no processo, enquanto que os pontos de divergência entre as duas estão no quesito atividade.

A escritura de um texto tem seu ponto de partida na necessidade e/ou no propósito do escritor – não há escritura nem leitura sem propósito – em comunicar determinada idéia, sobre determinado assunto a alguém. Logo, para o escritor alcançar o seu objetivo, ele deve atentar para outros aspectos importantes, os quais influenciam sobremaneira o resultado do intento: a seleção adequada dos recursos lingüísticos e o modo de emprego desses recursos, ou seja, ele deverá ter em mente o seu possível leitor, saber avaliá-lo, considerar o que este sabe – ou deveria saber – e procurar guardar a proporção entre o grau de complexidade do texto e o provável nível cognitivo do leitor. Como todo texto pressupõe um determinado tipo de leitor, os parâmetros para a atribuição de sentido são estabelecidos a partir dele. Se, no entanto, o leitor, não tiver a competência adequada e os conhecimentos necessários (esperados), agirá fora desses parâmetros e, provavelmente, dará ao texto uma interpretação não autorizada pelo autor. Neste ponto entra em jogo a questão da *leiturabilidade* de um texto. Diz-se que ela decorre intrinsecamente quando se avalia o texto como mais ou menos *leiturável*, pela sua própria construção. Mas quando vista como dependente do leitor, é extrínseca. A *leiturabilidade* intrínseca é mais um dos pontos de convergência entre leitura e escritura. Fenômeno que é comprovado a partir do texto, isto é, quando ele custa menos ao escritor, custará mais ao leitor, pois tudo o que não consta no texto deverá ser acrescido e inferido, fato que corresponde ao princípio de cooperação entre escritor e leitor: aquele fornece as informações adequadas e necessárias para que este, em atitude cooperativa, construa o sentido do texto o mais próximo possível das intenções e do desejo do autor.

Tanto a leitura quanto a escritura são atividades comuns de comunicação. O texto é um instrumento, ou melhor, o elemento de contato entre os dois pólos: escritor e leitor. A

comunicação é um processo que acontece através de um texto comum ao escritor e leitor, cuja produção é mais um aspecto de convergência entre leitura e escritura. Também o conteúdo e a expressão têm a ver com a leiturabilidade e, conseqüentemente, constituem-se em pontos de convergência. O conteúdo é interno, de acordo com Poersch, está na mente do escritor e, durante a leitura, é reconstruído na mente do leitor, enquanto que a expressão é externa, é a linguagem através da qual se estrutura concretamente o texto.

Para ser um bom escritor é necessário ser um leitor altamente proficiente. É necessário saber identificar *caminhos* já percorridos, para, depois, construir e *trilhar* os seus próprios percursos com segurança. Um bom escritor precisa ser hábil no manejo dos elementos textuais, lingüísticos e extralingüísticos, para, assim, poder traduzir ordenada e eficazmente os seus pensamentos, intenções e visão de mundo. Além disso, precisa saber projetar o texto de acordo com o tema abordado, dar ênfase às informações mais relevantes e ainda contar com a sensibilidade intuitiva e a capacidade cognitiva do seu leitor. A produção de texto é, portanto, um exercício que demanda pensamento lógico, reflexão, organização mental, excelente domínio lingüístico e conhecimento dos princípios convencionalmente estabelecidos. Nesse momento convém lembrar, segundo Poersch, que *o ponto de chegada da escritura corresponde exatamente ao ponto de partida da leitura: a substância do conteúdo*. Isto significa que o *output* da escritura se constitui em *input* na leitura do texto escrito.

De acordo com Poersch,(1998), na leitura compreensiva de um texto escrito é a estrutura textual que dá o suporte principal para a construção do sentido. Convergentemente acontece na escritura, a estrutura textual é o principal veículo para expressar uma estrutura conceptual ou um esquema mental. O leitor, para inferir a estrutura conceptual do escritor, precisa da estrutura do texto, de forma semelhante o escritor precisa construir um texto que garanta e dê sustentação às inferências do leitor.

Esse também é o entendimento de Robert J. Brecewel et alii (1982), no que se refere à natureza e complexidade da estrutura do discurso e de sua importância fundamental para a compreensão e produção de texto, tanto oral quanto escrito. A partir de seus estudos, buscam explicar a conexão entre o processo da construção da estrutura na compreensão e o planejamento do conteúdo conceptual do texto. Constatam a existência de três processos importantes utilizados na escritura, os quais são de natureza conceptual. O primeiro corresponde à fase da pré-escrita, momento em que é planejada a estrutura conceptual para expressar e/ou realizar a proposta ao

leitor. O momento seguinte corresponde ao da transposição, quando se organiza a estrutura conceptual em uma seqüência topicalmente relatada e se procede à seleção da forma da linguagem, sendo também avaliadas as estratégias empregadas no discurso. E o terceiro processo é o da revisão, da avaliação e de possíveis modificações do texto.

No que concerne às semelhanças e às diferenças na produção e compreensão de textos, Brecewell afirma que as tarefas de produção e compreensão se realizam, em alguns aspectos, por caminhos diferentes e/ou em sentidos opostos, isto porque a produção do discurso requer a geração do texto pelo usuário da linguagem. Assim sendo, o processo é, inicialmente, interno e depois se dirige para o externo, enquanto que na compreensão o processo se dá de forma inversa, isto é, a partir do *texto-input*, dirige-se para o interno.

No que se refere mais especificamente à compreensão, o autor diz que a informação da estrutura se origina no texto e precisa ser completada, integrada, com os conhecimentos prévios relativos à forma e à estrutura conceptual, a qual representa a mensagem do texto, enquanto que, na produção, a informação é derivada da estrutura conceptual do escritor e precisa ser transposta para dentro do texto e, posteriormente, possibilitar a “externalização” no texto. Isto quer dizer que o texto deverá ser construído de forma tal que seja leiturável e que possibilite a comunicação da mensagem do escritor ao leitor.

De acordo com Poersch, a leiturabilidade decorre intrinsecamente do texto e extrinsecamente ela depende do leitor. Um texto pode ser relembrando quando se quer mais ou menos leiturável, devido à determinação desses fatores. A leiturabilidade intrínseca é um dos pontos de convergência entre leitura e escritura, ela se liga ao domínio do lingüístico. Um texto que é menos custoso ao escritor, custa mais ao leitor, conforme já vimos, tudo o que deixar de constar nele, o leitor terá que inserir e/ou recuperar no texto. Além disso, o escritor também pode tornar um texto mais ou menos leiturável a partir do uso de estruturas sintáticas mais ou menos complexas, do tipo de linguagem empregada, da seleção do vocabulário, do fornecimento de pistas ao leitor.

O conteúdo e a expressão são importantes pontos de convergência entre leitura e escritura e têm a ver com a leiturabilidade, já que o conteúdo é a informação que se pretende passar ao leitor. Ele está estreitamente relacionado com a intenção e/ou o objetivo do escritor em levar o leitor à construção de um conteúdo semelhante ao que tinha em mente por ocasião da produção do texto. A expressão, através do uso da linguagem, funda-se na estrutura concreta do texto. Ela é

atividade, é externa, enquanto que o conteúdo é interno, alcançável através de processamentos cognitivos.

As exigências comuns, para a realização de uma ou de outra atividade, são, portanto, muitas, entre as quais se destacam: o princípio cooperativo (escritor fornece pistas ao leitor); o pensamento, que corresponde ao conteúdo; a linguagem, diretamente relacionada com a expressão; o compartilhamento de conhecimentos de mundo (escritor/leitor); o texto como elemento intermediário entre leitura e escritura (caminhos em sentidos inversos); e ainda a intencionalidade do escritor, atuando sobre o seu leitor. Também entre as operações cognitivas, através das quais essas atividades se realizam, há semelhanças significativas, pois a leitura compreensiva de um texto requer a *refeitura* dos mesmos passos que o escritor realizou ao produzi-lo, para, assim, alcançar uma aproximação daquilo que o autor planejou, da forma como deseja que seu texto seja lido e entendido.

## Referências

- BRACEWELL, Robert; FREDERIKSEN, Carl; FREDERIKSEN, Janet. Cognitive processes in composing and comprehending discourse. *Educational Psychologist*. v. 17, n. 3, p. 146-64, 1982.
- CLARK, Herbert H.; HAVILAND, Susan E. Comprehension and the given-new contract. In: FREEDLE, Roy O. (Ed.). *Discourse production and comprehension*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1977. p. 1-40.
- GOODMAN, Kenneth. Um jogo psicolinguístico de adivinhação. In: SINGER, Harry; RUDELL, Robert B. *Theoretical models and processes of reading*. 2.ed. Newark: Internacional Reading Association, 1976.
- GOODMAN, Kenneth. Reading, Written Texts: a transactional sociopsycholinguistic view. In: RUDELL, R.B.; RUDELL, M. R. SINGER, H. ((EDS), *Theoretical Models and Processes of Reading*, 4 th Edition. Newark, 1994.
- HELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- POERSCH, J. M. Contribuições do paradigma conexionista na obtenção de conhecimento linguístico. In: LAMPRECHT, Regina (Org). *Anais do IV Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem*. Porto Alegre: EDIPUCS, v. 33, n. 2, p.37-42, 1998.
- POERSCH, J. M. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. In: POERSCH, J. M. (Org.). *Implicações da psicolinguística nos processos de produção e recepção do código escrito*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1991. p. 9-43.

**Spoehr, Maria L.**

POERSCH, J. M. Maturidade lingüística e a aquisição do código escrito. In: POERSCH, J. M. (org.). *Alfabetização, uma construção cognitivo-social*. Porto Alegre: Edipucrs, p.113-53, 1992.

POERSCH, J. M. O leitor como intérprete das pistas que o escritor insere no texto. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 28, n. 4, p. 9-24, 1993.

POERSCH, J. M. Apontamentos de aula. Curso de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada, Disciplina: Psicolingüística Avançada, ministrada pelo Prof. Dr. José Marcelino Poersch, 2006/2

**Letrônica**, Porto Alegre v.2, n.1, p. 77, julho 2009.